

Educação para o consumo: a ação docente em destaque

Consumer education: the leading educational action

Educación del consumidor: la acción docente destacada

Gabriel Bezerra Zecchin

Universidade Presbiteriana Mackenzie

gabriel_zecchin@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2239-5280>

Maria de Fátima Ramos de Andrade

Universidade Presbiteriana Mackenzie

mfrda@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-4945-8752>

RESUMO

O presente estudo propôs-se a investigar como o tema *consumo* vem sendo tratado no contexto escolar. Inicialmente, foram analisadas, nos documentos oficiais (Diretrizes Curriculares Nacionais e Parâmetros Curriculares Nacionais), as diretrizes pedagógicas para o trabalho docente. Na sequência, com a intenção de compreender como a tema é tratado em sala de aula, questionários e entrevistas foram respondidos por professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. A pesquisa, por meio de um estudo qualitativo de caráter descritivo, mostrou que todos os professores identificam a importância de a escola trabalhar com esse tema, como possibilidade de conscientizar os alunos, pois, majoritariamente já presenciaram atitudes e situações nas quais o consumismo estava envolvido em sala de aula. O estudo aponta a necessidade de pensarmos a escola como espaço de libertação dos indivíduos da opressão e naturalização de determinados comportamentos pelo desenvolvimento de uma consciência crítica.

Palavras-chave: Consumismo. Consumo. Documentos oficiais. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The present study proposed to investigate how the consumption theme has been treated in the school context. Initially, the official documents (National Curricular Guidelines and National Curricular Parameters) were analyzed, the pedagogical guidelines for the teaching work. Then, with the intention of understanding how the subject is treated in the classroom, questionnaires and interviews were answered by teachers who work in the final years of Elementary School. The research, through a qualitative study of a descriptive character, showed that all teachers identify the importance of the school working with this theme, as a possibility to raise awareness among students, since, in the majority, they already witnessed attitudes and situations in which consumerism was involved in the classroom. The study points out the need to think of school as a space for the liberation of individuals from oppression and the naturalization of certain behaviors by the development of a critical conscience.

Keywords: Consumerism. Consumption. Official documents. Pedagogical practice.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar cómo se está tratando el consumo en el contexto escolar. Inicialmente, los documentos oficiales (Directrices Curriculares Nacionales y Parámetros Curriculares Nacionales) analizaron las directrices pedagógicas para la labor docente. En la secuencia, con la intención de comprender cómo se trata el tema en el aula, los cuestionarios y las entrevistas fueron contestados por profesores que trabajan en los últimos años de la escuela primaria. La investigación, a través de un estudio cualitativo descriptivo, mostró que todos los profesores identifican la importancia de que la escuela trabaje con este tema, como una posibilidad para concienciar a los estudiantes, ya que la mayoría de ellos ya han sido testigos de actitudes y situaciones en las que el consumismo estaba involucrado en el aula. El estudio señala la necesidad de pensar en la escuela como un espacio para la liberación de los individuos de la opresión y la naturalización de ciertos comportamientos a través del desarrollo de una conciencia crítica.

Palabras clave: *Consumismo. Consumo. Documentos oficiales. Práctica pedagógica.*

Introdução

O consumismo infantil exacerbado presente no dia a dia dos adolescentes da escola pública tem chamado atenção. É nítido como os alunos almejam possuir determinados objetos e como ficam desapontados ao não conseguirem satisfazer seus desejos de imediato, em decorrência da realidade socioeconômica de suas famílias. A ideia de que o indivíduo deve consumir para estar integrado na sociedade fica evidente, o que demanda a ele um comportamento consumista. Nesse sentido, cada vez mais, justifica-se a necessidade de a escola direcionar o olhar para o desenvolvimento dos alunos, proporcionando-lhes momentos de reflexão frente à realidade consumista naturalizada por todos desde muito cedo.

Tendo em vista as especificidades historicamente construídas da sociedade capitalista atual, o consumismo é encarado como um fenômeno social, bem como a principal força propulsora e operativa da sociedade, que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais. É importante ressaltar que o consumismo influencia a formação dos indivíduos, desempenhando paralelamente um papel fundamental nos processos de identificação pessoal e de grupo, bem como na seleção e execução de políticas de vida individuais. Nota-se, então, que alguns indivíduos são pressionados a exercer tal ato, para se encaixarem nesta sociedade capitalista, baseada no consumo em massa.

Este artigo objetiva discutir como o tema consumo é trabalhado no contexto escolar, em especial nos anos finais do ensino fundamental. Para tal, inicialmente, dissertamos sobre como a temática é tratado nos documentos oficiais (PCNs e Diretrizes

Nacionais); na sequência, identificamos e analisamos práticas/estratégias realizadas pelos docentes com o tema, numa escola pública de ensino fundamental. Por último, tecemos algumas considerações.

Consumo e consumismo

Para a discussão proposta neste artigo, é imprescindível a distinção entre “consumo” e “consumismo”. É por meio dessa compreensão que conseguiremos entender algumas das transformações pelas quais a sociedade capitalista passou ao longo de sua história: de uma “perspectiva individualista – o ato de consumir – para uma perspectiva social – a de uma sociedade que se constitui tendo o consumo como papel determinante na organização de sua vida social” (GUERRA, 2010, p.10).

Contudo, antes de chegarmos às definições de consumo e consumismo, é também de suma importância apontar que, na sociedade contemporânea, a atividade do consumo está normatizada e internalizada no comportamento humano, sendo tratada como algo banal, até mesmo sem importância. De fato, o consumo não é uma atividade moderna e, como afirma Bauman, é uma “condição, e um aspecto permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos” (GUERRA, 2008, p. 37).

Tomando como ponto de partida esse pressuposto teórico, podemos entender que o fenômeno do consumo caminha unido com a história humana a tal ponto, que desconhecemos quando teve início. Mesmo sem registros específicos e pontuais em torno do “quando” a sociedade do consumo teve seu início, alguns teóricos apontam uma variação do século XVI até o XVIII, período, segundo Bauman (2008), em que teria acontecido a “revolução consumista” ou a chamada “revolução do consumo”, como diz Barbosa (2004).

Embora ainda permaneçam as incertezas em torno do “quando”, é evidente que mudanças significativas afetaram a quantidade de itens disponíveis para o consumo assim como as variedades disponíveis. Tais mudanças se devem ao período de expansão do comércio europeu ao Oriente. Estabeleceu-se, então, uma relação de comércio que vai ampliar à oferta e conseqüentemente a demanda por novas mercadorias, as chamadas “especiarias”. Segundo Barbosa (2004, p. 19), “a partir do século XVI, registra-se o aparecimento de todo um conjunto de novas mercadorias no cotidiano dos diversos segmentos sociais, fruto da expansão ocidental para o oriente”.

Nesse momento de predominância do comércio entre Oriente e Ocidente, as sociedades tradicionais produziam bens, para atender suas próprias necessidades, de forma previamente definida. Os grupos sociais possuíam estilos de vida, que estavam ligados e dependentes de status, “isto quer dizer que a posição social de uma pessoa determinava o seu estilo de vida, independentemente da sua renda, ou seja, das condições objetivas que esta pessoa possuía para mantê-lo” (BARBOSA, 2004, p. 20).

De acordo com Bauman (2008), a transformação dos consumidores em mercadorias é considerada a característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta, pois é evidente que os indivíduos estão naturalizados com esse processo, a tal ponto que não estranham essa relação de não serem apenas consumidores de mercadorias, mas também mercadoria.

Essa naturalização por parte dos indivíduos deve-se, em nossa sociedade, ao fato de que o consumo, no mundo moderno, “se tornou o foco central da vida social. Práticas sociais, valores culturais, ideias, aspirações e identidades são definidas e orientadas em relação ao consumo” (BARBOSA, 2004, p.32), transformando, então, as vontades e desejos nas forças que movem e operam a sociedade capitalista contemporânea. Vivemos um momento histórico em que o consumo permeia a vida social dos indivíduos. Tudo acaba girando em torno do que a pessoa consome, de quais são seus bens e do quanto ela consegue diferenciar-se dos outros por meio do que tem. “Identificando-o como fato socialmente construído através do qual os grupos sociais se classificam, se distinguem e se comunicam” (GUERRA, 2010, p. 24).

Afinal de contas, o consumo expressa à individualidade das pessoas, sua autoexpressão, estilo, e evidentemente confere status a elas dentro da sociedade. Tudo por meio da roupa, do corpo, do discurso, do lazer, da comida, da bebida, do carro, da casa ... “Os objetos e as mercadorias são utilizados como signos culturais” (BARBOSA, 2004, p. 23). Deveríamos encarar o consumo, então, como consequência de uma multiplicidade de mudanças sociais que marcaram de forma profunda o mundo ocidental, do qual fazemos parte.

É importante ressaltar que “o consumismo associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades [...] mas a um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la” (BAUMAN, 2008, p. 44). Ou seja, a pura busca pela satisfação de nossos desejos de consumo que, em tese, trará aos indivíduos a felicidade. Tal sentimento de felicidade é totalmente momentâneo, uma vez que sabemos do grande fluxo de

mercadorias na atualidade e da necessidade constante do mercado de que os indivíduos nunca parem de consumir. Quando um desejo é satisfeito e as pessoas acreditam que estão mais felizes, novos desejos/ necessidades aparecerem quase que de imediato para estimulá-las novamente ao consumo. É fácil imaginar que essa busca ininterrupta pela felicidade leve indivíduos a uma existência na qual nunca estão completos, satisfeitos e felizes.

Assim, “consumismo” pode ser definido como um arranjo social que provoca uma ávida disputa entre os indivíduos pela sonhada diferenciação social, pois as “necessidades” mudam conforme o estilo, a variedade e disponibilidade das mercadorias existentes. Atualmente é imprescindível a substituição ininterrupta dos bens, para que preservem seu caráter simbólico de atribuição de status. Torna-se, então, necessário, estimular o desejo de consumo nos indivíduos, para que alcancem a diferenciação social que buscam.

Resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais (BAUMAN, 2008, p.41).

Entretanto é exatamente por essas razões que, nessa vontade de adquirir e juntar, o que realmente se evidencia é a pressa e a “necessidade de *descartar e substituir*” (BAUMAN, 2008, p. 50). Não se pode negar que esse ciclo vicioso da produção em massa e consequentemente do consumo em massa, baseado numa vida “agorista”, os indivíduos buscam a satisfação instantânea e completa, mas quando os supostos objetos desejados já não mais os satisfazem, devem ser abandonados.

O consumismo em massa está intrinsecamente ligado ao sentimento de insaciabilidade dos consumidores: “assim que um desejo ou ‘necessidade’ é satisfeito, outro já se acha à espera. Esse processo é incessante e ininterrupto” (BARBOSA, 2004, p.50). É possível compreender que, para os indivíduos, o ato do consumo provoca sentimentos de liberdade, afinal todos são livres para escolher o que querem comprar, quando comprar e como irão pagar.

Os documentos oficiais: Diretrizes Curriculares Nacionais e Parâmetros Curriculares Nacionais

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica foram escritas em 2013, com o objetivo de estabelecer uma base comum para todo o Brasil, responsáveis “por orientar a organização, articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras” (BRASIL, 2013, p. 4). Além disso, foram pensadas sob a perspectiva de contemplar as mudanças que o país vinha passando nesse período, especificamente as mudanças do Ensino Fundamental para nove anos, e a obrigatoriedade do ensino gratuito dos quatro aos 17 anos de idade.

Pela análise das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, foi possível encontrar uma preocupação inicial com a exposição dos indivíduos à multiplicidade de informações transmitidas pelos diversos meios de comunicação existentes em nosso mundo, que, segundo o documento podem

Disseminar entre as crianças, jovens e população em geral o excessivo apelo ao consumo e uma visão de mundo fragmentada, que induz à banalização dos acontecimentos e à indiferença quanto aos problemas humanos e sociais. É importante que a escola contribua para transformar os alunos em consumidores críticos dos produtos oferecidos por esses meios, ao mesmo tempo em que se vale dos recursos midiáticos como instrumentos relevantes no processo de aprendizagem, o que também pode favorecer o diálogo e a comunicação entre professores e alunos (BRASIL, 2013, p. 111).

Fica explícita, então, nesse documento, a importância da escola, visto que a instituição escolar possui o papel de contribuir para que o indivíduo adquira uma consciência crítica frente ao mundo capitalista consumista e saiba lidar com a exposição midiática e as vastas informações dela provenientes. Para tanto, o documento prevê que o currículo escolar, articulado com os conteúdos e as áreas de conhecimento, realizem uma “abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual” (BRASIL, 2013, p. 115).

Ainda quanto à questão do currículo, o documento aponta a importância de considerarmos a realidade sociocultural da população escolar e as desigualdades presentes na sociedade atual, como “as desigualdades de acesso ao consumo de bens culturais e a multiplicidade de interesses e necessidades apresentadas pelos alunos no desenvolvimento de metodologias e estratégias variadas que melhor respondam às diferenças de aprendizagem entre os estudantes e às suas demandas” (BRASIL, 2013, p. 135). O contexto no qual os indivíduos estão inseridos deve ser levado em conta no

processo de educação, visto que alguns indivíduos possuem capacidade de consumo e outros não, o que diferencia os indivíduos na sociedade capitalista atual. Por fim, essas desigualdades e diferenciação social chegam à escola e ao ambiente escolar e não devem ser ignoradas, mas compreendidas e respeitadas no processo de educação, para que todos os indivíduos sejam tratados de forma igualitária e levados a construir uma consciência crítica acerca do *status* social, tornando possível o rompimento com o abismo criado pela diferenciação de classes.

Ao analisar os conteúdos trabalhados, percebemos que o tema consumo é sugerido dentro de uma abordagem voltada à Educação Ambiental. O documento propõe que seja adotada uma abordagem que “considere a interface entre a natureza, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino” (BRASIL, 2013, p. 543).

A abordagem é apresentada como uma das formas de contribuição ao “estabelecimento das relações entre as mudanças do clima e o atual modelo de produção, consumo, organização social, visando à prevenção de desastres ambientais e à proteção das comunidades” (BRASIL, 2013, p. 552). Assim, o consumo é apresentado como um dos pequenos pontos a serem trabalhados como tantos outros, dentro da Educação Ambiental, visando a preservação e a sustentabilidade do meio ambiente e não as questões intrínsecas de nossa sociedade consumista.

A temática deve ser vista não apenas na perspectiva ambiental, mas dialogada em todas as disciplinas escolares, uma vez que as questões sobre o consumo são transversais e múltiplas. A educação ambiental, segundo o documento, sob a Lei nº 9.795/1999, tem como objetivos educacionais:

- I. desenvolver a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, para fomentar novas práticas sociais e de produção e consumo;
 - II. garantir a democratização e acesso às informações referentes à área socioambiental;
 - III. estimular a mobilização social e política e o fortalecimento da consciência crítica sobre a dimensão socioambiental.
- (BRASIL, 2013, p. 550)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica reconhecem a importância da escola frente à formação de uma visão crítica, por parte dos indivíduos que por ela passam, sobretudo sobre a cultura consumista. No entanto, ainda é necessário promover um estranhamento dessa realidade, de maneira eficaz, para que seja possível então desenvolver essa consciência crítica nos indivíduos, para que pensem e reflitam

além dos impactos ambientais causados pelo consumismo, mas que possam repensar o seu papel no mundo e sua postura frente às pressões sociais que sofrem desde pequenos e que os estimulam a sempre consumir para serem felizes e para serem inclusos nessa sociedade.

Parâmetros Curriculares Nacionais

Os PCNs são um referencial para a educação básica. Atuam com o papel de orientar e garantir o correto investimento no sistema educacional, “socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menos contato com a produção pedagógica atual” (BRASIL, 1997, p. 13).

A abordagem principal do documento é proporcionar aos indivíduos um real processo de construção da cidadania, que preza pela igualdade e direito para todos, baseado em princípios democráticos. Amplia e consolida o “dever do poder público para com a educação em geral e em particular para com o ensino fundamental” (BRASIL, 1997, p. 14). Em consonância com a LDB (Lei Federal n.9.394), concordam que a educação básica deve assegurar “a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornece-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, fato que confere ao ensino fundamental, ao mesmo tempo, um caráter de terminalidade e de continuidade” (BRASIL, 1997, p. 14).

Os PCNs foram elaborados a partir da análise dos currículos dos Estados e Municípios brasileiros pela Fundação Carlos Chagas. Dados estatísticos acerca do desempenho dos alunos do Ensino Fundamental foram colhidos e analisados. Posteriormente, a Fundação elaborou uma proposta inicial que foi democratizada e levada a discussão com

Docentes de universidades públicas e particulares, técnicos de secretarias estaduais e municipais de educação, de instituições representativas de diferentes áreas de conhecimento, especialistas e educadores. Desses interlocutores foram recebidos aproximadamente setecentos pareceres sobre a proposta inicial, que serviram de referência para a sua reelaboração (BRASIL, 1997, p. 15).

Além disso, expressam preocupação com uma educação de qualidade a ser oferecida a todos os indivíduos da sociedade brasileira. Dessa forma, há necessidade de uma prática educacional “adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira” (BRASIL, 1997, p. 27), demarcando que o consumo

deveria ser uma das temáticas existentes nos currículos escolares de todo o país, uma vez que todos os indivíduos atualmente são tratados e vistos como consumidores, que possuem o direito e o dever ao consumo, uma vez que esse fenômeno é a força propulsora de nossa sociedade.

No contexto atual, a inserção no mundo do trabalho e do consumo, o cuidado com o próprio corpo e com a saúde, passando pela educação sexual, e a preservação do meio ambiente são temas que ganham um novo estatuto, num universo em que os referenciais tradicionais, a partir dos quais eram vistos como questões locais ou individuais, já não dão conta da dimensão nacional e até mesmo internacional que tais temas assumem, justificando, portanto, sua consideração (BRASIL, 1997, p. 27).

É evidente que o papel da escola é essencial para que sejam apresentadas possibilidades concretas para que os indivíduos sejam capazes de “levar a discussão dessas formas e sua utilização crítica na perspectiva da participação social e política” (BRASIL, 1997, p. 27). É importante ressaltar que os PCNs reforçam que os projetos educacionais reflitam, ressignifiquem e ampliem a função da escola para além dos conteúdos escolares, incluindo valores, normas e atitudes em seus educandos, conforme descrito abaixo:

O projeto educacional expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais demanda uma reflexão sobre a seleção de conteúdos, como também exige uma ressignificação, em que a noção de conteúdo escolar se amplia para além de fatos e conceitos, passando a incluir procedimentos, valores, normas e atitudes (BRASIL, 1997, p. 51).

A temática do consumo, no documento, funciona de maneira transversal, apontando que:

as problemáticas sociais em relação à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e trabalho e consumo são integradas na proposta educacional dos Parâmetros Curriculares Nacionais como Temas Transversais. Não se constituem em novas áreas, mas num conjunto de temas que aparecem transversalizados, permeando a concepção das diferentes áreas, seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas (BRASIL, 1997, p. 65).

O contexto da pesquisa e a fala dos professores: analisando as práticas

Para a realização da pesquisa, optamos por um estudo descritivo de natureza qualitativa. Logo, os dados coletados foram predominantemente descritivos, obtidos no contato do pesquisador com os participantes da pesquisa. Com relação aos instrumentos de coleta de dados utilizados, inicialmente, professores de uma escola pública

responderam um questionário com perguntas abertas e fechadas. Já, com a intenção de conhecer como o trabalho com essa temática era tratado em sala de aula, procedemos com as entrevistas. Dos dez professores que responderam o questionário, seis aceitaram participar da entrevista que foi do tipo semiestruturada, desenvolvida a partir de roteiro previamente estabelecido. A instituição analisada por esta pesquisa é uma escola¹ da rede municipal de ensino, localizada na zona sul da cidade de São Paulo, especificamente no distrito Cidade Dutra. A instituição faz parte do grupo de escolas municipais que estão sob administração e supervisão pública da Diretoria Regional de Educação Capela do Socorro.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, à escola foi criada pelo Decreto n50.285 de 02/12/2008 – publicado no diário oficial de 03/12/2008. Segundo o documento, a unidade foi criada para atender a demanda do bairro, em que ela está inserida, viabilizando a transformação de escolas do entorno, de quatro períodos para escolas de dois turnos.

É importante ressaltar que a região na qual a escola está inserida é densamente habitada, e marcada por um nítido contraste social, resultando assim em tensões e contrastes sociais a serem encarados e vividos diariamente, uma vez que as comunidades carentes, das quais grande parte dos alunos faz parte, estão inseridas em um bairro de classe média, Cidade Dutra; à sua volta está o bairro de classe alta, Interlagos.

A escola X, no momento da realização da pesquisa, atendia aproximadamente 670 alunos, sendo 14 turmas no período da manhã e 15 turmas no período da tarde. As realidades socioeconômicas são parecidas.

Questionários

Antes das entrevistas, fizemos um levantamento, por meio de questionários, para saber o perfil dos professores que lecionam na escola nos anos finais do Ensino Fundamental. Além disso, a intenção foi identificar se a temática consumo deveria ser trabalhada no contexto escolar e se seria tratada nas diferentes disciplinas. Dos mais de trinta professores que atuam na escola, participaram da pesquisa dez professores efetivos com sala de aula, dos anos finais do Ensino Fundamental. Resumidamente, constatamos que a maioria dos professores tem mais de 40 anos, possui curso de graduação, sendo que dois deles têm pós-graduação e licenciatura na área em que atuam. Além disso, a maioria tem mais de quinze anos de experiência e trabalha na escola há pelo menos seis.

¹ Para o presente estudo, a escola pesquisada será denominada Escola “X”.

Quando indagados a respeito se deveria trabalhar com o tema “consumo e consumismo” na escola, todos responderam que sim. Além disso, foi solicitado que relatassem como a temática poderia ser abordada. Algumas das falas:

O tema consumismo é sempre abordado ao falarmos de globalização, porém o importante é estabelecer a relação do consumo a uma padronização da sociedade, seus efeitos ambientais, como o lixo resultante do consumo europeu que é depositado em países pobres da África, e por fim demonstram que o consumo é a força motriz do capitalismo, sendo assim necessário sempre abordar o tema com a preocupação de um desenvolvimento sustentável (Professor A).

A escola é o espaço que acolhe a sociedade e todo o momento social faz parte do cotidiano escolar. A abordagem de temas como este deve estar previamente ligada ao currículo escolar. Deve-se buscar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema e a partir das informações promover ações para ampliar o conhecimento, ações pedagógicas que estimulem os alunos a pensar em formas e possibilidades de cuidar dos espaços e refletir sobre as próprias ações, e formas solidárias de se relacionar com os outros e com o planeta (Professor B).

A abordagem deve ser iniciada com a conscientização através de textos, dramatização, documentários como “Uma verdade inconveniente”, “Lixo Extraordinário”, “Estamira” e “Ilha das Flores” (Professor C).

Este trabalho pode ser abordado em qualquer disciplina, por exemplo, através de textos sobre o assunto, filmes, pesquisa, enquetes entre a comunidade escolar etc. Melhor ainda se trabalhado de forma interdisciplinar por meio de projetos (Professor D).

Analisando as falas, constatamos que a maioria dos docentes se preocupa com a temática em questão. Esses professores afirmaram que deveríamos trabalhar, propondo algumas sugestões de ações em sala de aula. Além disso, afirmaram que qualquer disciplina poderia abordar a temática. Entretanto, quando indagamos se efetivamente trabalham com o tema “consumo e consumismo” na sua disciplina, apenas seis responderam que sim. Eles afirmaram que

Na disciplina de história, existem vários eixos que podem conduzir ao tema consumo, às rotas marítimas comerciais nas grandes navegações, a revolução industrial, ou seja, a abordagem depende do período histórico que se trabalha. Tento sempre demonstrar que existem empresas gigantescas das quais consumimos seus produtos, com um grande poder de influência na política, no esporte, e principalmente nos meios de comunicação da qual as empresas são as maiores financiadoras. Aponto também sempre a obsolescência programada que nos força a um consumo contínuo e padronizado. Na grande maioria passo fragmentos de texto, pesquisas, documentários questionários e também o livro didático (Professor A).

Penso que existem muitos mitos sobre o assunto. A princípio buscar junto aos alunos as informações que já estão preestabelecidas e na troca destas informações tento desmistificar, trazendo informações científicas, pois muito do que sabem são achismo. Promover ações individuais e coletivas para conscientização são estratégias utilizadas nas aulas. Essa prática permite a troca de vivência e compartilham dúvidas e conhecimentos, reverberando em práticas efetivas para a aquisição do conhecimento. Nestas ações os alunos sempre conquistam algo, mas a conquista não é dada, ela é buscada e construída. O aluno deve ser sempre o protagonista, sujeito de suas demandas e ações, assim o conhecimento torna-se significativo e o foco muda do professor para o aluno (Professor B).

Trabalho com essa temática em minha disciplina por meio do TCA de 2014, receitas que priorizavam o aproveitamento integral dos alimentos, utilizando cascas, talos, sementes, etc. Ao final do projeto apresentação das receitas para a degustação. Educação para o consumo: consumo consciente dos recursos como água, energia elétrica. Projetos AES na escola de 2016, evitando desperdício destes recursos, bem como de alimentos (Professor C).

Não tenho preparado aulas específicas sobre o assunto, mas que abordam “o tema de acordo com situações que surgem em sala de aula. Então faço orientações, debates sobre o caso, por exemplo: vejo os alunos consumindo demasiadamente balas, pirulitos, refrigerantes e salgadinhos, faço conscientização sobre questões nutritivas, em que tipo de alimento deveriam gastar mais; comento sobre a importância de se usar uniforme para não gastarem com roupas constantemente; oriento a não gastarem (Professor D).

Para realizar esse trabalho, a gente deve partir da vivência do aluno, sua alimentação, vestuário, objetos etc. Um exemplo: leitura das embalagens, quais foram as matérias-primas empregadas, de onde vieram e como serão descartadas (Professor E).

Vou citar uma possibilidade de desenvolvimento do tema, pois existem infinitas formas de fazê-lo. Todos os anos é realizado o acompanhamento do desenvolvimento corporal dos educandos, por meio de coleta de peso/altura e análise dos dados. Após essa coleta, são comparados os dados anteriores junto com toda criança de forma individual, visando preservar e respeitar sua individualidade. Essa análise utiliza uma curva de desenvolvimento de crianças da OMS. Realizado esse processo, entramos no tema de consumo, por meio de debate e interferência do dia-a-dia, com relação aos padrões impostos pela sociedade e suas relações com indivíduo e a escola (Professor F).

Analisando o que foi dito, podemos afirmar que a maioria aponta algumas ações possíveis a serem realizadas. Contudo, vale destacar a contradição que está presente na fala dos professores, pois, apesar de afirmarem que a escola deveria incluir a temática no

trabalho escolar, demonstrando, inclusive, uma preocupação com a conscientização dos alunos, praticamente metade do grupo afirmou que não a inclui em suas aulas. Os poucos que trabalham não mencionaram a possibilidade de uma proposta coletiva que pudesse ser contemplada em projetos, ou no programa do curso.

Questionários

Dos dez professores que responderam o questionário, seis apontaram que a temática deveria ser trabalhada e que, em suas disciplinas, ensinavam o que é consumo e consumismo. Os seis professores identificados na primeira etapa dispuseram-se a responder cinco questões. As falas foram gravadas e em sequência transcritas. Após leitura exaustiva, e tendo o referencial teórico como suporte, apontamos algumas temáticas que emergiram do que foi dito.

Consumo X Consumismo

Iniciamos as entrevistas, perguntando a definição das palavras consumo e consumismo. Todos responderam a questão proposta, procurando diferenciar o sentido de cada palavra. Eles afirmaram:

Acredito que apesar do consumo ser inerente aos humanos para garantir sua sobrevivência, esse termo adquiriu uma conotação diferente principalmente após a Revolução Industrial e com o crescimento dos grandes centros, nas quais o homem se distanciou gradativamente da produção para subsistência, sendo obrigado a comprar aquilo que não produzia mais, gerando assim o hábito e a necessidade de consumo. Já o consumismo pode apresentar-se de outra forma, enquanto o consumo é algo necessário para repor e manter o que precisamos no dia a dia, o consumismo representa o exagero da compra sem a necessidade real, a troca do objeto induzida pela obsolescência programada e incentivada pelos meios de comunicação e indústrias (Professor A).

Consumo é a atitude de comprar aquilo que precisamos e o consumismo é quando as pessoas compram coisas supérfluas e que em grande parte são desnecessárias, mas é o que mais fazemos (Professor B).

Consumo é o ato de consumir, ou seja, adquirir produtos ou serviços que são necessários pra você sobreviver. Já o consumismo a pessoa compra produtos supérfluos e na maioria das vezes desnecessários (Professor C).

Então o consumismo é aquele uso exagerado, na compra de bens que você realmente não necessita. E você compra porque está triste ou porque saiu pra dar uma olhada e acabou achando interessante,

então é o uso exagerado de alguma coisa que você não necessita (Professor D).

Como vimos, a maioria das respostas aponta que os professores identificam uma diferença entre os conceitos, aproximando-se da definição de Bauman (2008, p. 37), quando o autor afirma que o consumo é uma “condição e um aspecto permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos”. Nesse sentido, os professores relacionaram o consumo com as compras voltadas à nossa sobrevivência, a itens de consumo que são necessários.

Os docentes conseguiram explicar a diferença de consumismo em relação a consumo, procurando associar o conceito ao ato de comprar bens de forma exagerada e desenfreada; todos afirmaram que os objetos consumidos são desnecessários e metade dos entrevistados denominou esses itens como supérfluos. Parece-nos que, na visão dos professores, o consumismo está ligado à realização de desejos de consumo, que, se satisfeitos, trarão uma suposta felicidade. Tudo isso ocorre com “um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la” (BAUMAN, 2008, p.44).

Entretanto apenas o Professor A lembrou-se do período em que a sociedade de consumidores se solidifica, afirmando que o consumo “adquiriu uma conotação diferente, principalmente após a Revolução Industrial”. De fato, o consumismo ganhou proporções jamais vistas após o período referido pelo professor, uma vez que a sociedade capitalista se consolidou.

Fruto dessa transformação, o consumismo caracteriza-se, segundo o Professor A, pelo “exagero das compras sem a necessidade real, a troca dos objetos induzida pela obsolescência programada e incentivada pelos meios de comunicação e indústrias”. Esse exagero indicado é fruto dessa sociedade de consumidores, na qual o ato de consumir é encarado como o “verdadeiro propósito da existência e quando nossa capacidade de ‘querer’, ‘desejar’, ‘ansiar por’ e particularmente de experimentar tais emoções repetidas vezes de fato passou a sustentar a economia” (BAUMAN, 2008, p. 38-39).

Não distante dessa concepção teórica acerca do conceito do consumismo, todos os docentes afirmaram já ter identificado, em algum momento, nos alunos, comportamentos e falas associadas ao comportamento consumista, como podemos notar:

Em sala de aula, das regiões em que atuo como professor, o consumismo aparece através de duas maneiras bem específicas: os aparelhos celulares e os tênis, já que demonstram a necessidade de

apresentar tais produtos, mesmo que não tenham a real necessidade. Além destas formas bem específicas, as músicas chamadas por eles (alunos) de ostentação, na qual o objetivo das letras é exatamente ostentar marcas de produtos de grifes, associando o “ter” (objeto) ao poder e a submissão da mulher diante o interesse pelo material, o que é um fato deplorável e ainda não compreendido por eles (Professor A).

A questão de celular, de roupa, tênis. Isso para mim é uma forma de consumismo, pois não é a necessidade de fato, mas uma necessidade para se sentir aceito no grupo, então uma coisa leva a outra (Professor B).

Olha, já observei na escola com os alunos quando percebo que eles compram celulares similares aos que já possuem, impulsionados pelo modismo ou pelo simples fato de ser de uma marca diferente que todos gostam que é a “popular” do momento (Professor C).

O consumismo aqui é extremamente exagerado principalmente na parte alimentícia, porque as crianças comem chocolate, mascam chiclete exageradamente, a cada cinco minutos e aí você vê que não é nem questão de fome. Mas a pessoa tem condição de se alimentar melhor, mas fica só nas balas e chicletes. Eles recebem material, por exemplo, e acabam comprando material de fora. Até mesmo eles falam, o uso de celulares, eles estão sempre com um celular diferente, apesar de dizerem que a situação financeira não é boa. Então eles consomem muito e exatamente coisas inadequadas (Professor D).

Identifico sim, eles deixam de comprar o essencial que é material escolar, por exemplo, para comprar muitas vezes um celular, tênis de marca e roupas de marca (Professor E).

Já sempre tem porque o consumismo é mais ou menos relacionado às questões da mídia, você gera aquela, o mercado como estímulo visual, a moda. Aí os alunos, os adolescentes querem consumir aquela determinada situação pra poder estar dentro de um determinado padrão pré-definido (Professor F).

Pela análise das respostas, foi possível perceber que majoritariamente os professores já presenciaram alguma situação ou identificaram atitudes e falas relacionadas ao consumismo no ambiente escolar por parte dos alunos. Perceberam também que na visão dos alunos o principal direito dos indivíduos agora é o de consumir, pois são consumidores por vocação. Logo, possuem também o dever de consumir, que os pressiona diariamente, uma vez que os bens aumentam significativamente o seu valor social: muitas vezes, somos diferenciados dos demais indivíduos, ao mesmo passo em que pertencemos a determinado grupo social, e somos portadores de um mesmo status social. Afinal, “o valor do ser humano está no consumir e não mais na sua moral, nos seus atos, no

seu amor, ou seja, o poder de consumo dita as novas regras sociais. Quem consome mais tem mais valor” (PEREIRA; HORN, 2009, p.16).

Mesmo com toda a percepção do que significa o consumismo no contexto atual e o como está presente na sala de aula, não são todos os professores que trabalham com a temática “consumismo”. Eles até conseguem definir, têm clareza da diferença, percebem que os alunos assumiram uma postura consumista, percebem ainda as consequências, enfim, têm uma visão da complexidade do conceito, mas ainda não assumiram como conteúdo a ser ensinado em sala de aula.

A preocupação relatada pelos professores também está presente em alguns dos documentos oficiais essenciais para a educação nacional, como, por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais. Segundo o documento:

Há que se considerar que a multiplicação dos meios de comunicação e informação nas sociedades de mercado em que vivemos contribui fortemente para disseminar entre as crianças, jovens e população em geral o excessivo apelo ao consumo e uma visão de mundo fragmentada, que induz à banalização dos acontecimentos e à indiferença quanto aos problemas humanos e sociais. É importante que a escola contribua para transformar os alunos em consumidores críticos dos produtos oferecidos por esses meios, ao mesmo tempo em que se vale dos recursos midiáticos como instrumentos relevantes no processo de aprendizagem, o que também pode favorecer o diálogo e a comunicação entre professores e alunos (BRASIL, 2013, p.113).

Consumismo: ações desenvolvidas em sala de aula

Em sequência, foi solicitado aos entrevistados que explicassem quais as estratégias que utilizam para trabalhar o consumo em sala de aula. As respostas foram bem diferentes entre os professores:

Na minha matéria eu utilizo diversas estratégias, elas partem desde aulas expositivas agregando o assunto quanto em projeção de filmes como “A história das coisas” ou “Gana lixo.com”. Porém, minha principal estratégia para abordar o tema consumismo é o dia a dia, pois abordo o prejuízo ambiental diante do consumismo, sendo assim evito trabalhos com cartolinas, isopores, propondo sempre maneiras alternativas e inventivas de se realizar trabalhos como caixas de papelão, uma oficina que realizamos ano anterior com retalhos de panos, cujo objetivo é sensibilizar e despertar no educando a inventividade e preocupação com um mundo mais sustentável e menos consumista (Professor A).

Então, quando a gente trabalhou com eles o projeto sobre sustentabilidade, foi trabalhado, mas voltado para a questão ambiental, fizemos links. Não foi especificamente falado com eles sobre o consumo, mas, assim, o que acarreta, os impactos ambientais.

Inclusive tem um site que fala sobre a pegada ecológica, e fala sobre o consumismo e consumo e é muito bacana. Porque aí você vai vendo através do seu consumo qual é o seu impacto individual, na terra, e é bem bacana (Professor B).

Na minha disciplina, trabalhar com o consumo envolve a utilização dos recursos de forma racional com relação à eletricidade, evitando desperdícios, aproveitando a iluminação natural por exemplo. No caso dos alimentos, trabalho a questão da utilização integral dos alimentos como a casca, bagaço, talos, etc (Professor C).

Eu não tenho uma estratégia ou um plano de aula montado voltado pra esse tema. Isso acontece assim esporadicamente, quando eu percebo alguma situação. Por exemplo: estávamos na semana do Halloween e os alunos queriam comprar um traje, uma fantasia para vir para a festinha. Mas aí eu falei que poderíamos improvisar, que não era para comprarem, não é pra onerarem as mães. É apenas um momento para socialização, para diversão e aí que queria confeccionar com eles, justamente para estimular a criatividade deles. Mas a maioria deles fez questão de comprar uma fantasia. Aí eu vi o consumismo e eu orientei. Falei que não era necessário, mas eles falavam “minha mãe vai comprar, ela tem dinheiro, e ele é meu, e faço dele o que eu quiser”. Eles não têm a preocupação de investir, guardar, porque eu falo pra eles que dinheiro é para investir e não gastar, se não, você não vai ter futuramente. Mas eles não pensam em futuro, acham que não vão viver muito. Então acham que precisam ser feliz agora porque não sabem o dia de amanhã (Professor D).

Em geografia nós já temos um conteúdo. Eu começo a falar sobre o processo de produção dos produtos, como a terra não consegue suportar a retirada de matérias primas, frente ao processo industrial. Também a exploração dos países que detêm as fábricas e empresas e aqueles que são explorados, seus territórios, suas matérias primas e que são levados a consumir os produtos produzidos por essas mesmas empresas. Eu trabalho a partir do que os alunos já conhecem, o que eles usam no dia a dia, os produtos e objetos de consumo. Aí peço para eles identificarem as matérias primas. Depois eles fazem um trabalho, identificando as indústrias, as embalagens e suas origens (Professor E).

O consumo, eu trabalho em aula, principalmente a questão da mídia, porque, como a molecada, às vezes quer ser atleta e tudo mais, e quer consumir determinada marca, ter um determinado padrão, agora fugiu a palavra, mas que é imposto pela sociedade. Então, para atender essa demanda que a sociedade coloca pra eles, eles começam a consumir determinados produtos (Professor F).

Pela análise das respostas dadas, pôde-se constatar que apenas três professores conseguiram explicar como tema consumo/consumismo é efetivamente trabalhado na prática, ou seja, por meio de aulas expositivas, análise de documentários e projetos. Ficou, também, perceptível que o consumismo não é trabalhado como um tema transversal a ser

explorado por meio de projetos interdisciplinares que pudessem atravessar todas as disciplinas do currículo, a fim de aprofundar a temática e proporcionar aos alunos a compreensão das suas múltiplas implicações na sociedade e em suas vidas.

Quatro professores afirmaram em suas respostas que trabalham o consumo numa perspectiva ambiental, como ficou evidente na fala da Professora E, quando ela afirma que

Em geografia nós já temos um conteúdo, eu começo a falar sobre o processo de produção dos produtos, como a terra não consegue suportar a retirada de matérias primas, frente ao processo industrial. Também a exploração dos países que detêm as fábricas e empresas e aqueles que são explorados, seus territórios, suas matérias primas e que são levado s consumir os produtos produzidos por essas mesmas empresas.

Nessa mesma direção, o professor C, da disciplina de ciências, afirmou que o trabalho com o tema envolve a “utilização dos recursos de forma racional com relação à eletricidade, evitando desperdícios, aproveitando a iluminação natural por exemplo. No caso dos alimentos trabalho a questão da utilização integral dos alimentos como a casca, bagaço, talos etc”.

Segundo essa mesma perspectiva, a Professora B descreveu que realizou um projeto voltado para sustentabilidade. Segundo ela, “não foi especificamente falado com eles sobre o consumo, mas, assim, o que acarreta, os impactos ambientais, porque você vai vendo através do seu consumo qual é o seu impacto individual, na terra e é bem bacana”.

O professor A também realizou suas atividades e reflexões acerca do consumo e consumismo, destacando quase que exclusivamente as implicações ambientais. Afirmou que sua “principal estratégia para abordar o consumismo é o dia a dia”. Disse também que aborda o prejuízo ambiental diante do tema.

Parece-me que outras questões estritamente relacionadas com a temática, de suma importância, como o impacto no processo de autoidentificação individual e coletivo dos jovens, deixaram de ser trabalhadas.

Na sequência, foi investigada a opinião dos professores a respeito de quais áreas do conhecimento (disciplinas) poderiam ser articuladas numa discussão sobre consumo nos anos finais do Ensino Fundamental. Os professores foram unânimes: todas as disciplinas poderiam desenvolver um trabalho com a temática em questão. Eles afirmaram:

Não existe um limite para estabelecer um trabalho sobre consumo entre as áreas do conhecimento, tudo dependerá de um planejamento entre os pares. Caso exista um projeto bem articulado, todos podem trabalhar o tema. Códigos e linguagens, abordando textos literários e os textos midiáticos para venda, até mesmo o jornalístico e o seu interesse para anunciar. Matemática poderia abordar a questão

econômica, administrar e gerir o dinheiro para um consumo mais adequado. Ciências da Natureza daria um enfoque à questão ambiental no que tange à sustentabilidade. As ciências humanas ao relacionar o trabalho do homem na transformação da natureza para produzir sua própria existência, na utilização que o mercado faz dos homens para manutenção do consumo empresarial, o papel dos meios de comunicação de massa para alienar e seduzir para o consumo e produção sem reflexão. Como exemplo, o filme “Tempos Modernos”. Sendo assim, depende do que é projetado e planejado pela equipe pedagógica e professores (Professor A).

Eu acho que essa temática, consumo e consumismo, envolve todas as áreas, porque é um tema muito amplo e você pode trabalhar todas as disciplinas interligadas, porque não tem nenhuma específica que deve fazer sozinha (Professor B).

Todas as disciplinas podem trabalhar. Em geografia, desde recursos hídricos com relação ao potencial energético, até a produção racional de alimentos. Em ciências, produção de alimentos orgânicos, aproveitamento integral dos alimentos, etc. Matemática, Português são disciplinas importantes na consolidação desses conteúdos (Professor C).

Todas as disciplinas podem trabalhar, é que a gente não faz um plano interdisciplinar. Não tenho feito um plano baseado em temas, mas isso é possível em qualquer disciplina (Professor D).

Todas praticamente, geografia, história, ciências, português, até educação física. Cabem todas, dependendo de como o professor vai trabalhar isso, como vai abordar, mas cabe em todas as disciplinas sim (Professor E).

Todas, todas têm possibilidade, cada uma dentro do seu conteúdo da sua área, eu como professor de educação física, posso trabalhar dentro do esporte, da ginástica. Podemos dar exemplos de academias, clubes de jogadores de futebol (Professor F).

Segundo as respostas obtidas, todos os professores que foram entrevistados demonstraram enxergar a possibilidade de um trabalho interdisciplinar. Como os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais apontam como necessidade, o tema poderia permear as “concepções das diferentes áreas, seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas” (BRASIL, 1997, p.65).

A próxima questão averiguou se os professores sentiam-se preparados para aprofundar a temática “consumo/consumismo” em sala de aula. Todos afirmaram que se sentem preparados, para discutir esse assunto com os alunos. O Professor A completou sua fala apontando que, em sua disciplina – história –, essa temática é essencial, pois

Já que falamos sobre economia, transformações sociais, o surgimento das indústrias, o inchaço das cidades, todos estes assuntos de uma maneira direta ou indireta tratam do consumo humano, os motivos que levaram a Conferência de Berlim, os fatos embrionários da Primeira e Segunda Guerras Mundiais possuem sementes no tema (Professor A).

Dois professores também afirmaram que se sentiam preparados, pois o tema é muito amplo, diverso e recorrente, como contaram na entrevista:

Eu me sinto, porque, assim, é um tema de muitos recursos. Então, assim, falar sobre isso é o nosso dia a dia. São situações que você vê na internet, na prática do seu dia a dia, dentro da escola, situações que você escuta na rádio, vê na televisão, que você pratica. Então, eu acho que a gente precisa estar preparada para falar sobre questões, que são questões do dia a dia que estão aí (Professor B).

Seguramente, pois esse assunto é recorrente, é interessante e permite discussões importantes sobre o modo de vida das famílias, inclusive a ampliação dos debates, contribuindo para as aprendizagens (Professor C).

É interessante destacar que o Professor B refere-se à relação do tema com o dia a dia das pessoas e o Professor C com o modo de vida das famílias, o que demonstra a consciência crítica de ambos e de todos que afirmaram que estão preparados. De fato, o tema é atual e muito presente na vida dos indivíduos.

As entrevistas terminaram com os docentes sendo indagados se essa temática é trabalhada na escola e de que maneira. Grande parte das respostas apresentaram uma opinião muito parecida, quando analisadas. De modo geral os docentes revelaram que não existem projetos interdisciplinares nem ações que focam e aprofundam esse tema. Eles afirmaram:

Nesse ano eu não tenho conhecimento dos projetos e trabalhos desenvolvidos na escola como um todo. Professor A
Não, com um foco não. A grande maioria dos alunos falam que os pais não falam com eles, que os professores, só alguns conversam (Professor D).

Não eu não vejo muitos trabalhos não. Eu acho que ele está isolado mesmo em algumas disciplinas. Professor E
Depende muito da pessoa, acho que é uma escolha pessoal. Tem professor que acha que vai desviar muito do conteúdo e vai apenas aprofundar em assuntos da sua área e em outras coisas (Professor F).

O que foi possível notar, na maioria das respostas, novamente, é que existem pequenas ações em algumas disciplinas, que de forma isolada chegam a abordar o tema

com os alunos, principalmente de forma casual e espontânea, quando o assunto se destaca por alguma situação do cotidiano:

Desenvolvo o assunto com os alunos, pois como citei nas respostas anteriores, as disputas por mercados, as grandes Guerras, Revoluções, Crescimento das cidades, Revoluções possuem indiretamente ligação com o consumo. Tento sempre relacionar este, e é lógico, outros temas às aulas (Professor A).

Então talvez esteja sendo trabalhada, mas não com essa nomenclatura. Você aborda outras questões, por exemplo: você vai realizar uma atividade na aula de artes, aí tem a questão da economia de papel, economia do material, tipo de material que você usa. Acho que se trabalha implicitamente, então, ele não aparece com essa nomenclatura “consumo/ consumismo”, mas a questão do consumo da energia, da água, tudo isso a gente vai falando no dia a dia, mas não especificamente esse tema (Professor B).

Eu acho que ele está isolado mesmo em algumas disciplinas (Professor E).

Tem professor que acha que vai desviar muito do conteúdo e vai apenas aprofundar em assuntos da sua área e em outras coisas. Mas eu acho que é meio que um tema transversal que pode agregar outras áreas e se desenvolver em vários eixos (Professor F).

É preciso lembrar que todos os docentes apontaram anteriormente que o tema poderia ser trabalhado por todas as disciplinas; três foram objetivos ao sugerirem um possível trabalho interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento. Porém esse trabalho não foi realizado na escola, a fim de desenvolver o tema do consumo/consumismo, como se pôde ser visto na fala de metade dos professores entrevistados.

Considerações Finais

No estudo realizado, foi possível constatar que todos os professores apoiam a ideia de se trabalhar a temática consumo/consumismo em sala de aula. Contudo, apenas seis afirmaram que realmente trabalham, explicitando a importância de ações que promovam a formação mais consciente sobre consumismo. Todos apostam na ideia de que a escola deveria proporcionar a conscientização dos alunos a respeito do tema e suas implicações no mundo atual principalmente no nosso modo de vida. Assim, é nítida a percepção de mais da metade dos professores de que “é preciso que se faça, pois, dessa tomada de consciência, o objetivo primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que

se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação” (MIZUKAMI, 2013, p.96).

Ao analisar as respostas dadas, foi possível notar que suas ações ocorrem de forma isoladas nas disciplinas, sem uma comunicação entre as áreas, assim como de um trabalho que articule as diferentes disciplinas e os conteúdos específicos.

Cumprir lembrar que os próprios documentos oficiais propõem alguns temas que poderiam ser trabalhados de forma transversalizada, ou seja, uma temática que poderia permear as diferentes áreas do conhecimento sendo articulada pelas diferentes disciplinas de forma conjunta a fim de aprofundar determinado assunto.

Tendo como base os documentos que orientam e normatizam a Educação Básica brasileira, como as Diretrizes Curriculares Nacionais, constatamos que o documento oficial prevê um currículo escolar, articulado juntamente com os conteúdos e as áreas de conhecimento, a fim de realizar uma “abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual” (BRASIL, 2013, p.115).

O consumismo, nessa perspectiva, pode ser um desses supostos temas, uma vez que afeta a vida da sociedade e de todos os indivíduos inseridos nela, afinal crescemos sendo tratados e vistos como consumidores, que possuem o direito e o dever de consumir, pois assim nos sentimos pertencentes a essa sociedade. Essas implicações foram identificadas pelos professores, pois todos os participantes desta pesquisa afirmaram que o tema deve ser trabalhado em sala de aula.

Resumidamente, o estudo apontou que:

- A partir dos teóricos estudados, o conceito de consumismo pode ser encarado como um arranjo social, que gera uma disputa entre os indivíduos pela sonhada diferenciação social, uma vez que as “necessidades” mudam conforme o estilo, a variedade e a disponibilidade das mercadorias existentes. Assim, torna-se imprescindível às pessoas, a substituição ininterrupta dos bens de consumo, para que preservem seu caráter simbólico de atribuição de status;

- No campo da educação, os documentos oficiais – Diretrizes Curriculares para Educação Básica e os Parâmetros Curriculares Nacionais – apontam que a prática educacional tem como uma de suas funções desenvolver o indivíduo de forma integral preparando-o para lidar com sua realidade de vida. Assim, é necessário que determinados temas que afetam a vida em sociedade sejam abordados em sala de aula. O consumo, em tese, seria um desses temas abrangentes. Contudo, nas Diretrizes, só aparece dentro do

tema Educação Ambiental. Já nos PCNs, aparece como um tema transversal – trabalho e consumo;

- Com a análise dos dados coletados, foi possível perceber que todos os professores identificam a importância de a escola trabalhar com esse tema, como possibilidade de conscientizar os alunos, pois, majoritariamente já presenciaram atitudes e situações nas quais o consumismo estava envolvido em sala de aula. O contraditório foi perceber que todos apontam que essa temática poderia ser trabalhada em todas as disciplinas, porém, metade dos entrevistados não realizou nenhum tipo de trabalho relacionado a consumo/consumismo. E os que afirmaram abordar o assunto, realizaram ações de forma isolada, em grande parte apenas quando o assunto é lembrado por algum aluno;

Em suma, não restam dúvidas quanto à relevância de uma prática docente que apresente ações pedagógicas voltadas à preocupação atual com o consumismo e suas implicações na vida individual e na sociedade de forma geral. Como docentes, responsáveis pela formação integral dos indivíduos, não podemos permitir que a escola seja um mero instrumento de reprodução do status quo. Deveríamos, sim, lutar e trabalhar para que seja uma possibilidade de rompimento com os paradigmas que aí estão.

Os indivíduos seriam capazes, então, de transformar suas vidas por meio de uma mudança de comportamento, deixando de valorizar os bens de consumo e de neles buscar tanto sua felicidade quanto a realização de seus desejos, para depois realizar ações que possam promover a mudança. Seria importante que a prática docente contemplasse ações que proporcionassem aos alunos vivenciar um processo de tomada de consciência, no qual conseguiriam identificar a naturalização do comportamento consumista e das implicações da nossa sociedade.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARBER, Benjamin R. **Consumido**: como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultos e engole cidadãos. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar:** a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

GUERRA, Renata de Souza. **Dimensões do consumo na vida social.** Orientador: Alexandre Antonio Cardoso. 261f. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PEREIRA, Agostinho. Oli Koppe & HORN, Luiz Fernando Del Rio. Relações de consumo: meio ambiente. **Educs**, Caxias do Sul, RS, p.11-26, 2009.

ROSSONI, C. R. R. Compro, logo existo: a sociedade de consume no cotidiano escolar. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, v. 12, n. 2, 4 fev. 2011.

STRAPAZZON, Ironilda; MACHADO, Ana Maria Netto. Como promover autonomia em uma sociedade capitalista regida pelo consumo? Mais uma missão impossível para os educadores? **IX ANPED SUL**, 2012.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Maria Lúcia Zoega de Souza e Gabriel Bezerra Zecchin*

Submetido em 21/07/2017

Aprovado em 05/06/2020

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)